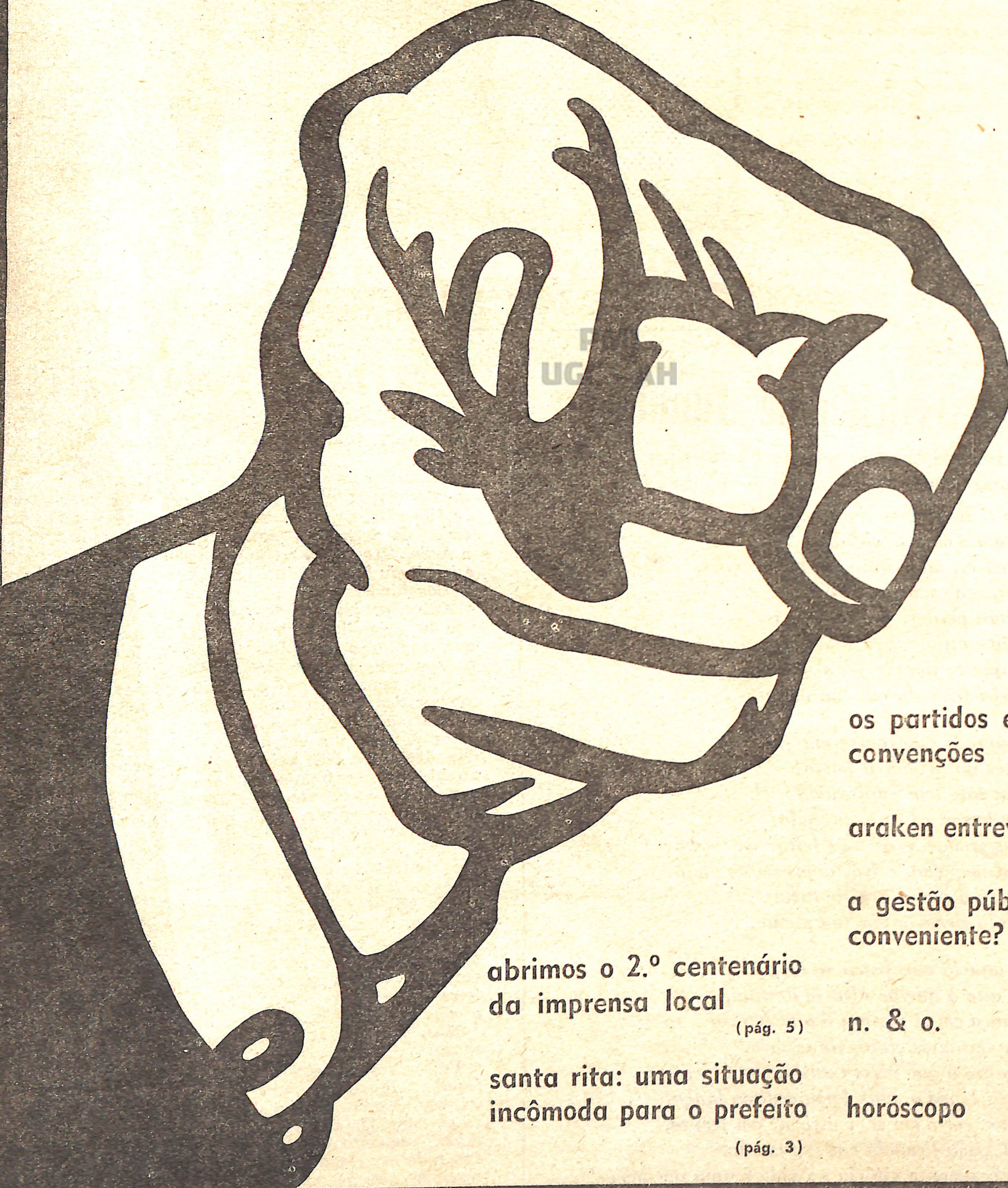


VOCÊ VAI SABER
DAS COISAS

JORNAL DE 2^a FEIRA

JUNDIAÍ, 7/13 DE JULHO DE 1975 — N.º 1



os partidos e as
convenções

(pág. 4)

araken entrevista araken

(pág. 5)

a gestão pública: séria?
conveniente? eficiente?

(pág. 5)

abrimos o 2.º centenário
da imprensa local

(pág. 5)

n. & o.

(págs. 6 e 7)

santa rita: uma situação
incômoda para o prefeito

(pág. 3)

horóscopo

(pág. 8)

PILATOS NO REINO DOS SEUS

Encorajado por uma amiga ("Vá em frente, querido. Suma!!!"), entro neste jornal como Pilatos no Credo. Ou seja, havendo crucificação eu estou lá, lavando as mãos, hi, hi, hi!

É bem certo que os tempos são outros e que, nesta distante província, os apóstolos da nova verdade são mais chegados a um bom faturamento (33 dinheiros, por aí) do que as peregrinações de fé.

Como também é verdade que o mestre está mais para Belial do que para Iluminado.

Mas é exatamente essa inversão histórica que me motiva a botar o estilingue de fora (e as barbas de molho) para atirar tantas pedrinhas quantas forem necessárias, na tentativa de fazer com que as Madalenas se arrependam. Para que possam ser perdoadas pela própria história, se houver perdão.

Na medida em que os meus escritos — como, de resto, todos os deste jornal — tiverem fundamento, é possível que haja debate e os pecados cometidos sejam elucidados.

Digo "é possível" porque o debate, o diálogo não tem sido muito cultivado nesta terra de castros, digo, cadastrados: cada um anda na sua, uns-poucos usufruindo, o resto-muitos pagando por isso. E esse estado de coisas agravado por mais uma inversão: os usufruidores contam com tribunas e manchetes para alardearem suas discutíveis posições, enquanto a maioria descontente se contenta em cochichar pelos corredores seus protestos surdos, esperando em fila a sua vez de pagar.

É em nome dessa maioria — que convém chamar de comunidade, para não parecer discurso — é em nome da comunidade que este semanário se propõe a questionar tudo quanto está sendo feito nas diversas áreas comunitárias, desde o sistema viário até o lazer, desde o asfalto no bairro até a isenção de impostos para a nova indústria que chega.

Muitos leitores (tomara que haja) descobrirão intenções políticas na posição deste jornal.

Bidus!
É claro que existe a intenção política. De oposição aos projetos absurdos. De contestação aos desmandos.

Pois não, senhor representante do "status quo": o senhor deseja falar alguma coisa?

— "Sim. Vocês nunca falarão bem de nós?"
— Nós quem, cara pálida?

ERAZÉ MARTINHO

JORNAL DE 2^a



Todas as
2^{as} feiras nas bancas

Anúncios? Sim, aceitamos.

Existem insuspeitos rumores nesta cidade dizendo que tudo deve mudar. Naturalmente a propaganda é apregoada por soturnos, digo, noturnos panfletos que afirmam estarem se processando estas mudanças. Então, nós cá deste hebdomadário, uma vez reunidos, achamos melhor pôr tinta no papel e escrever, sempre às segundas-feiras tudo o que nos passar pela cabeça, já que somos partidários deste mesmo princípio. Vamos mudar tudo. Como se pode facilmente verificar, entramos na correnteza ao contrário e vamos rio acima, ou rio abaixo, como queiram. A nossa proposta inicial é verificar antes de concordar. Gostamos de perguntas, assim como gostamos de respostas também, mas sejamos francos, somos um jornal.

Vamos sair à rua dispostos, de peito aberto. Vamos de encontro à população que talvez queira saber de outros pontos de vista, outras opiniões senão as vigentes, solenemente vigentes, feitas ao que parece de encomenda pelos atuais mandatários, criadores de verdade desinsofismáveis, simplesmente porque não se fazem contestações, outras opiniões ou mesmo veículos para transmiti-las.

Eis-nos então motivados, em princípio.

Qualquer dúvida que possa haver, por favor nos procure, vamos juntar nossas dúvidas o que por si pode ser um bom começo.

Reflexão

Ao homem vencido de Jundiáí

Àquele que se julga vencido ante aos acontecimentos peculiares, transcrevemos uma mensagem de autor desconhecido.

*Pobre de ti se pensas ser vencido!
Tua derrota é caso decidido.
Queres vencer, mas como em ti não crês,
Tua descrença esmaga-te de vez.
Se imaginas perder, perdido estás.
Quem não confia em si, marcha para trás;
A força que te impele para a frente
É a decisão firmada em tua mente.*

*Muita empresa esboroa-se em fracasso
Inda antes do primeiro passo!
Muito covarde tem capitulado
Antes de haver a luta começado;
Pensa em grande, e os teus feitos crescerão;
Pensa em pequeno, e irás depressa ao chão.
O querer é o poder arquipotente,
É a decisão firmada em tua mente.*

*Fraco é aquele que fraco se imagina,
Olha ao alto o que ao alto se destina,
A confiança em si mesmo é a trajetória
Que leva aos altos cimos da vitória.
Nem sempre o que mais corre a meta alcança,
Nem mais longe o mais forte o disco lança.
Mas o que, certo em si, vai firme em frente,
Com a decisão firmada em sua mente.*

Refleta e siga a mensagem, a vitória na vida é uma passagem!
"o pensador"

Canto chorado

Bom dia, prezadíssimo leitor. Muito bom dia.

Cá nos somos, neste evento alvissareiro, para filosofar, gozando em torno da prebembe que a Arena tirou do chapéu e impingiu à ingenuidade dos jundiás.

Antes, porém, por dever de sociabilidade, vamos saudar o bambino no seu primeiro dia de vida, augurando-lhe o melhor dos sucessos na predestinada missão de botar à mostra a calva dos vivaldinos. Não veio no bico da cegonha como costuma acontecer com todos os petizes. Ao contrário, emulando a Fenix, gerou da explosão ventral de um povo agonizante sob o peso de tributos bismarqueanos. Mas está registradinho e de olhinhos bem abertos para enxergar toda a maroteira que se ouse levar a cabo ao seu redor.

Mas, voltando ao assunto:

Petronilha faz streptose no córrego do Mato, pondo a nu a carcassa esquelética e carcomida, enquanto que à sua roda esvoaçam "papagaios" com garras de rapina. Coitada da velha; como está transfi-

gurada e feia! Não pela idade, mas pelos maus tratos...

Na Colenda, os "nobres" xingam-se todas as semanas e não a deixam arrumar-se com esmero. Nem uma tanga vai poder comprar enquanto não quitar o crediário da Gutierrez.

Bem que poderia andar melhor vestida a pobre Petronilha, se, como disseram os engenheiros, aquele contrato teratológico se fizesse à base de preços unitários. Seriam nada menos de quarenta "milhos" que viriam para reforma de seu guarda-roupa que anda sujo e roto a despeito das enganosas fotos coloridas.

Será por consequência disso, talvez, que os ribeirinhos do Jundiáí e do Guapeva, ao fitar o céu pedindo chuva, não se cansam de repetir este refrão:

Ai, que fedor, que fedor,
Tudo fede ao derredor.
Fede o leite, fede o pão.
Da torneira não sai água
E aumentando a nossa
[mágua
Ao ver do esgoto o la-
[drão,
Numa incessante enxur-
[rada,
Só... marmelada...
Simão

Santa Rita: uma situação incômoda para o prefeito

Deve estar o chefe do Executivo em situação das mais difíceis com o problema do Hospital Santa Rita de Cássia.

No desempenho de um estilo de governo que deixa muito a desejar, declarou de utilidade pública os imóveis do Hospital Santa Rita de Cássia. Após várias demarches, reações de grupos das mais justas e outras que tais, vem o alcaide e manda brasa: baixa outro decreto e declara de utilidade pública todos os títulos de sócios do Santa Rita. Aparentemente, nem sabe quantos títulos existem e quanto valem. Valha-nos SANTA RITA, que na verdade estamos mal servidos.

No último decreto não diz para que quer os títulos, apenas que precisa dos imóveis. A sociedade no uso de um direito impetrou mandado de segurança e obteve ganho de causa. Tal a situação incômoda, que poderá ser superada com a revogação do decreto.

Não será necessário dizer mais, senão transcrever na íntegra a respeitável sentença do íntegro magistrado dr. Eliomar Pontes Saraiva.

Proc. n.º 920/75

Vistos.

1.º) — Por faltar ao decreto municipal n.º 3.338, de 10/6/75, a destinação EXPLÍCITA a ser dada aos bens que intenta desapropriar em caráter de urgência, acolho sem a menor hesitação o pedido do impetrante para, concedendo-lhe a medida liminar, suspender, "si at in quantum", os efeitos daquele ato expropriatório, cuja aparente ilegalidade se faz manifesta.

De início seja dito que tão séria omissão fez tabula rasa do instituto da Retrocessão, ainda vigente em nosso Direito (vide Exposição de Motivos de Francisco Campos, item VIII, ao dec. lei n.º 3.365, de 1941), contrariando frontalmente o disposto no art. 1.150 do Código Civil, do seguinte teor:

"A União, o Estado ou o Município, oferecerá ao expropriatório o imóvel desapropriado, pelo preço por que o foi, caso não tenha o DESTINO para que se desapropriou".

Em sua recente monografia "Da Desapropriação", ad. 1972, págs. 40141, o des. Vicente Sabino Jr. deixou bem assentado que

"Destinando-se o bem desapropriado a servir à necessidade do poder expropriante, cabe-lhe a iniciativa do ato (decreto ou lei). Em qualquer hipótese, o ato declaratório CONTERÁ o fundamento (necessidade, utilidade ou interesse), o DESTINO A SER DADO AO BEM DESAPROPRIADO, a sua identificação e a da pessoa administrativa que o utilizará".

J. Cretella Jr. em seus "Comentários às Leis de Desapropriação", ad. 1972, pág. 38, oferece as razões de tais deveres, "in verbis": —

"Ato de conhecimento e reconhecimento, expressão volitiva de uma convicção, a DECLARAÇÃO trás a público, ao proprietário do bem expropriando e à coletividade, o PROPÓSITO DA ADMINISTRAÇÃO. A declaração anuncia o porque de fato e de direito do procedimento administrativo, a oportunidade e a conveniência das medidas preliminares levadas a termo, "prius" indispensável para a decisão do Estado".

Finalmente, uma derradeira citação, contida a pág. 28 de "A Retrocessão nas Desapropriações", de Hélio Moraes de Siqueira, após buscar apoio de jurisprudências do porte de Seabra Fagundes, Hely Lopes Meirelles, Viter Nunes Leal, Caio Tácito e José Cretella Jr., bem como na jurisprudência mais lúcida. Vale a pena ouvi-lo:

"Portanto, se a Administração sempre atua segundo o fim específico determinado pelo legislador, a conclusão que se impõe na hipótese da ocorrência de des-

TORNANDO-SE NULO, SE INEXISTIR NO SEU BOJO a causa EXPLÍCITA de utilidade pública e necessidade social, conforme enumeração taxativa prevista na legislação ordinária".

Ora, como o citado decreto municipal n.º 3.338, é omissivo quanto à destinação pública dos bens, limitando-se, lacnicamente à afirmação "da premência de utilização pela municipalidade dos bens imóveis do Hospital Santa Rita de Cássia", ousou subtrair do controle judiciário o contraste de sua legalidade, numa flagrante violação à letra e ao espírito da lei e que tem muito de comum a arbitrariedade do "quero, posso e mando", não importa o sacrifício do erário público.

Destarte, não se concebe como suficiente, o sofisma da destinação IMPLÍCITA, quando o contrário exige a lei específica, na simples declaração de premência de utilização pela municipalidade dos bens do impetrante, ainda que sejam instalações hospitalares. Qual o interesse coletivo em tal desapropriação? O que será feito das instalações do Hospital? Serão transformados em um clube recreativo, ou num hotel? Se mantida a sua destinação nosocômica (só se cogitou da premência de sua ocupação) — haverá concorrência ou concessão? Fundação ou autarquia?

No entanto, "Para que o motivo alegado pela Administração seja legal, isto é, de molde a justificar a decisão, é preciso, antes de tudo, que

ele seja materialmente exato e, de outro lado, que seja daqueles que poderiam legalmente justificar a decisão" (Marcel Weline, "Droit Administratif", 9.ª ed. 1963, páginas 473).

2.º) — Mas existe algo mais sério e que merece reflexão. Os bens expropriados não se confundem com um prédio ou um terreno baldio. É um hospital cujos sócios, da ordem de SEIS MIL (incluindo os dependentes atingem 1/3 de n/população) merecendo, por isso mesmo, uma definição mais clara da Administração local, quanto aos seus propósitos expropriantes. Afinal de contas, trata-se de um acervo de saúde, pertencente a uma coletividade, já sujeita à segunda expropriação e sem direito à tranquilidade, após muito trabalho e sacrifício. De notar que foi exatamente este Juízo quem julgou a primeira ação, conhecendo a espécie em seus detalhes.

Dir-se-ia, porém, que este Juízo ora exorbita, trazendo matéria de fato, numa simples concessão de medida liminar.

A resposta, por sinal de magnífica feitura, é dada por Miguel Reale em sua "Filosofia do Direito", vol. I, páginas 229 e 234, 3.ª edição, de 196662:

"Não há maior inimigo dos bens culturais do que a preocupação de transformá-los em logicidade pura. É o que acontece quando se quer esvaziar o direito de seu conteúdo, para que pareça com uma forma geométrica, sem correspondência perfeita NA REALIDADE CONCRETA DA VIDA"... "A norma envolve o fato e, por envolvê-lo, valorá-o, mede-o em seu significado, baliza-o em suas consequências, tutela o seu conteúdo, realizando uma mediação entre o valor e o fato".

Por enquanto nada mais precisa ser acrescentado a termos de concessão da medida liminar.

—oOo—

3.º) — Observadas as formalidades legais, solicitam-se as informações da impetrada.

Intimar.

Jundiaí, 17 de junho de 1975.

Heliomar Pontes Saraiva
Juiz de Direito

Enfim, um Jornal de 2.a!

Seguramente, mais de uma centena de jornais foram fundados em Jundiaí, a contar do PIRILAMPO, surgido em 1875 que, à falta de notícia sobre qualquer predecessor, temos como marco inaugural da história da nossa imprensa nativa.

Dessa quantidade toda de jornais editados aqui nos últimos cem anos, pouquíssimos foram aqueles que puderam experimentar uma duração significativa, falecendo, a maioria, em consequência de situações econômicas ou políticas adversas. E os que foram mais longe, salvo raras e gloriosíssimas exceções, tiveram como principal característica a dependência de partidos políticos ou — maioria dos casos — da caridade dos cofres públicos municipais.

Assim, a cada mudança de governo se observava o aparecimento e o desaparecimento de jornais em nossa cidade. Apenas um ou outro, graças à sua extraordinária versatilidade, conseguiu agradar padrões de ideologias diversas, recebendo em troca os favores que permitiram a prorrogação de seus dias.

Assim, nossa imprensa veio servindo a sucessivos prefeitos como inextinguível elixir de sucesso na carreira política e, simultaneamente, bálsamo eficaz no momento de suas falhas no exercício da vereança ou da chefia do Poder Executivo. E, à custa da vassalagem a pseudos-eternos-absolutos donos do poder e da verdade, alguns órgãos dessa nossa imprensa alcançaram imerecida prosperidade.

A que se propõe o Jornal de 2.^a Feira, se esse foi o quadro da imprensa local nos seus primeiros cem anos? Pergunta lógica de qualquer leitor que não queira ser vítima de um engano, como foram os tantos que acreditaram no programa preconizado na edição inaugural dos muitos jornais que se fundaram aqui.

Respondemos: começar diferente o segundo centenário da imprensa de Jundiaí.

O caro leitor ajuda?

EXPEDIENTE

JORNAL DE 2.^a FEIRA

Propriedade da
Editora Japi Ltda.

Rua Senador Fonseca,
número 1.044.

Redator-Chefe:
Celso Francisco
de Paula

Arte:
Celso Eduardo Pupo
Suzana Traidi de Souza

Oficinas impressoras:
Diários Associados
Rua 7 de Abril, 230,
São Paulo.

Assinaturas:
Semestral: Cr\$ 70,00
Anual: Cr\$ 120,00

Convenções e filiações partidárias

A política partidária brasileira está equacionada num sistema que podemos considerar bastante democrático. Com efeito, sua organização está disposta de modo a representar a vontade das bases na constituição das cúpulas e, por conseguinte, a fazer com que a vontade do povo prevaleça na formação dos governos, quer sejam municipais, estaduais ou da República.

Para que isso se realize, a lei dispõe que a organização dos partidos comece pela formação dos diretórios municipais ou distritais, cabendo aos eleitores devidamente inscritos escolher os dirigentes dessas células partidárias.

Já nesse ponto a lei é sábia, pois garante a todo eleitor o direito de inscrição no Diretório Municipal do partido político de sua preferência e nas convenções garante a representação dos grupos minoritários que obtenham ao menos 20% dos votos apurados.

As convenções são, por assim dizer, uma eleição dentro do próprio partido — ou mini-eleições num sentido mais geral — e nelas não se verifica nenhuma interferência, nem do Governo, nem da Justiça Eleitoral. As decisões são "de economia interna", podemos assim afirmar.

A liberdade e a autonomia são plenas.

Na primeira convenção, que é feita no âmbito municipal, escolhem-se os membros do diretório local e os seus delegados à convenção regional. Pode-se apresentar apenas uma ou várias chapas, dependendo isto da situação interna do partido. Ou seja, se existe

dentro dele uma liderança comum ou várias correntes divergindo entre si. Neste último caso, obtidos os 20% exigidos, cada qual terá no diretório uma representação correspondente à percentagem alcançada.

Aos membros do Diretório Municipal incumbirá eleger sua "diretoria", ou seja, a Comissão Executiva. Ao "colegiado" (o diretório propriamente dito) é confiada a função de "conselho deliberativo". Aos delegados é reservada a missão de representar o órgão municipal nas convenções de âmbito estadual, onde são escolhidos os membros do Diretório Regional e seus delegados à convenção nacional.

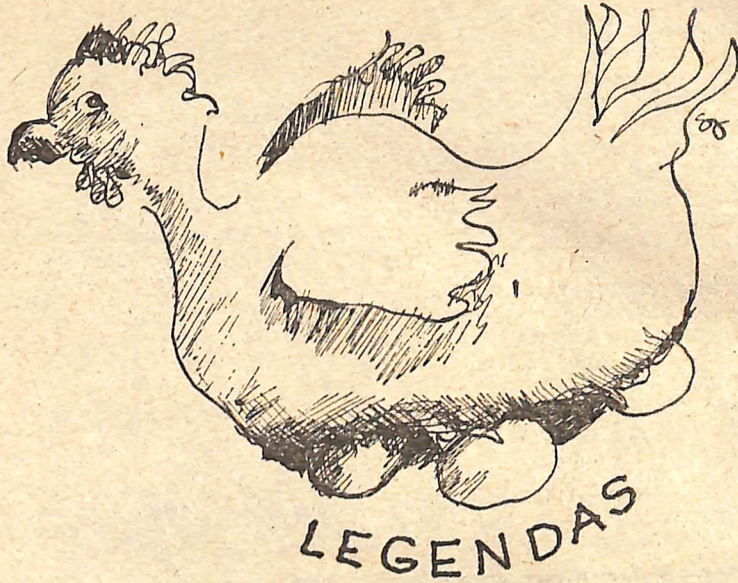
A segunda convenção municipal, que se realiza alguns meses antes das eleições para a Prefeitura e a Câmara Municipal, destina-se à escolha dos candidatos aos cargos de prefeito, vice-prefeito e vereadores. Dela participam todos os membros do Diretório, mais os delegados e os vereadores em exercício do mandato. A estes cabe a aprovação dos nomes propostos para disputar as eleições municipais, podendo indicar, na conjuntura atual, até três sublegendas.

O processo é o mesmo na escolha dos candidatos ao Governo e Assembleia do Estado e também na seleção de nomes para a disputa da Presidência da República e cargos da Câmara Federal e do Senado.

Assim está montada a máquina destinada a acionar a política no Brasil. De baixo para cima.

Haverá sistema mais democrático do que esse?

Como se observa, o arca-



bouço é quase perfeito; embora a lei eleitoral, na sua dinâmica, seja uma "colcha de retalhos", alterando-se a cada eleição, pode-se afirmar que o sistema vigente dá para o gasto de um povo amante da democracia como é o brasileiro.

Todavia, a filiação partidária, sendo feita de maneira desordenada, tem colocado em risco o espírito da nossa lei eleitoral. Do modo que ela tem se processado, vale notar, inscrevem-se nos órgãos partidários não os que o desejam mas sim os que são desejados. E, conseqüentemente, o que deveria representar um processo evolutivo caminha a rumos que nos indicam um retorno. O que é de se lamentar.

O ideal seria que, ao filiar-se num partido, o eleitor estivesse compenetrado de alguma coisa, que tivesse convicção partidária,

que conhecesse a filosofia do partido que escolheu para se inscrever; no mínimo, que gostasse realmente do partido, que tivesse um ideal, que estivesse realmente disposto a lutar por sua legenda. Seriam filiações cujos partidários poderiam dizer abertamente: "Sou da Arena" ou "Sou do MDB" e "pretendo contribuir com a minha participação no processo de desenvolvimento político".

O que ocorre, porém, na quase generalidade, é a filiação em massa de eleitores que só dão seus nomes para satisfazer determinadas pessoas — na maioria das vezes cabos eleitorais — e depois sequer votam na legenda em que se inscreveram (vide resultados das eleições em Jundiá). São filiações a grosso modo, quando se deixam pacotes de fichas em barbearias e bares. São filiações

feitas em clubes, para os quais se prometem vantagens. São filiações, muitas vezes, que visam tão somente suprir as necessidades de figuras instalados em cargos públicos.

Não são, pois, filiações conscientes, como seria de se desejar. São filiações obtidas de cima para baixo; mais claramente dizendo, filiações "exigidas", quando funcionários públicos violam suas próprias consciências na impossibilidade de responder negativamente aos seus superiores ou mesmo comissionados que recebem, por imposição, uma tarefa, uma obrigação, tendo que cumpri-la por motivos até compreensíveis.

Tal processo, é claro, acaba gerando reações em cadeia e agravando a situação.

Compondo-se os diretórios de modo tão inconsequente, sem se atentar para a problemática nacional — onde tudo está voltado para o fortalecimento do regime — jamais chegaremos ao ponto de aprimoramento almejado; estaremos, isto sim, promovendo a decadência dos partidos políticos, levando a situação a um estado cujas conseqüências são imprevisíveis.

Tudo isto porque os homens continuam os mesmos, não entendendo absolutamente nada do que se pretende fazer para melhorar a situação do País. Tudo isso porque os homens continuam defendendo os seus interesses particulares e não os da coletividade.

O assunto, como se vê, é bastante sério e comporta continuidade. Voltaremos a ele. — V. T.

Gravata com coca-cola

Vamos viver mais uma dessas maravilhosas noites de quarta-feira em Jundiá. Todos a postos, o rumo certo é a Câmara Municipal e seu tão organizado cenário ali no início da rua Barão, na Esplanada do Castelo. Bom lugar, um dos melhores pontos de Jundiá (pontos de vista?) com uma maravilhosa vista para os bairros da zona sul: Vila Arens, Vila Argos, Agapeama (que língua a nossa) o antigo Parque Industrial, as indústrias têxteis, a Pitanguieras, a Cica. Do outro lado a parte mais nova, a Vila Nambi, a Duratex, a Vulcabrás e logo em seguida as obras inacabáveis de uma avenida que rasga o morro, numa demonstração do que o homem pode mas não deve fazer. Está lá, estagnada, compondo uma perfeita poluição visual. Como podem perceber, da Esplanada do Castelo, vê-se quase tudo.

O prédio da Câmara é em concreto aparente, uma construção nova, projeto do mestre Jan Vergareche Maitre Jan, um verdadeiro monumento. Por falar em monumento, como é que estão sendo embustados os nossos homens públicos? Será que não estão sendo mais? Como será que estão sendo tratadas as coisas públicas, os logradouros, os prédios, as instalações culturais, o alimento

para o intelecto, coisas do genero? Um dia o homem tem que descer do automóvel, não é possível que ele passe todo o tempo correndo, trabalhando e indo para casa ver televisão.

O interessante, neste início de caso é notar o seguinte: o platô da cidade se estende até pelos lados do saturado Cemitério da Saudade, formando dois vales. Num deles, aquele ocupado pela estrada de ferro, está como que parado, vivendo devagar o seu abandono. Do outro, pendura-

ram enormes mansões, com piscinas suspensas e deliciosa vista para... a desditosa Córrego do Mato. É interessante isso. As obras desta avenida, apesar do seu discutido custo abusivo, continuam céleres. As obras do outro lado, estão abandonadas, esperando talvez mais um período de chuvas para que possam ser gretadas definitivamente, para que a erosão assuma definitivamente seu papel nas finanças municipais.

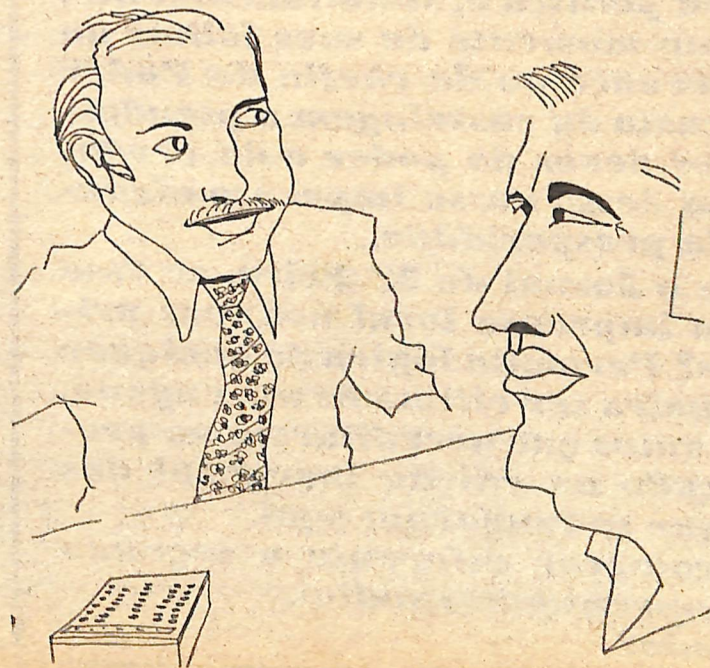
Pois é ali que nos postamos.

Por ter sido uma das primeiras preocupações dos antigos governantes, o morro da Esplanada foi urbanizado, ou seja, criaram condições de uso pelo elemento humano: fizeram as escadarias, o ajardinamento, as ruas de acesso que ligavam os bairros ao centro. E como prêmio para quem sobe tanto, (ou sabe tanto, discute-se) ali foi implantado um projeto de um conjunto, cuja Câmara é um dos elementos. Portanto não nasceu assim espontaneamente. Não é o abrigo natural da vereança. Nasceu com a idéia de um CENTRO CULTURAL, e deveria com o tempo ser transformada em um teatro, eu disse TEATRO, de uso municipal, público, com finalidades educacionais. Ali, na Esplanada do Castelo, durante a gestão Fávoro, isto pelos idos de 1967/68, o que não vai tão distante, mas que começa a deixar saudade, se pensava assim. E foi projetado um centro CULTURAL. Além da Câmara teria um outro prédio interligado que abrigaria, vejam só: uma BIBLIOTECA, que seria também sede do magnífico Gabinete de Leitura, um SALÃO DE EXPOSIÇÕES, um RESTAURANTE, tudo ligado ao futuro TEATRO, velha aspiração de nossa gente. O projeto, uma construção assobrada-

da, com três pavimentos teria na parte superior esta BIBLIOTECA, no pavimento intermediário a área das EXPOSIÇÕES e no piso inferior, escavada no morro o RESTAURANTE, compondo assim o CENTRO CULTURAL da cidade.

Esta obra mereceu um estudo arquitetônico, na ocasião em que foi realizado um famoso (em todo o Brasil) CADASTRAMENTO PROFISSIONAL, QUANDO OS MELHORES PROFISSIONAIS DA ARQUITETURA E URBANISMO se prontificaram a trabalhar em Jundiá. Mas isto já será um outro papo. Realizado mesmo, naquela região ficou só o prédio da Câmara, este construído na gestão do Walmor. E é para lá que nos dirigimos nesta quarta-feira. Como nas demais, se quisermos conhecer alguma coisa de real e extraordinário acontecendo, de viva voz, na política da cidade. Tudo o mais foi paralisado no tempo em que se raciocinava em conjunto, no caso em CENTRO CULTURAL. Agora imaginem, um lugar feito para se pensar, ver, estudar e participar. Onde isto, em Jundiá? Não, nada disto, em vez vamos à Câmara, a chamada Casa de Leis, Municipal. Está tocando uma campanha. Vai começar a sessão.

Eduardo de Souza Filho



A gestão pública. Séria? Conveniente? Eficiente?

Administrar, em última análise, consiste em decidir sobre a aplicação de recursos escassos, no sentido de obter resultados desejados. A arte de administrar acaba se resumindo na habilidade de combinar da melhor forma possível os recursos disponíveis, de modo a maximizar os resultados.

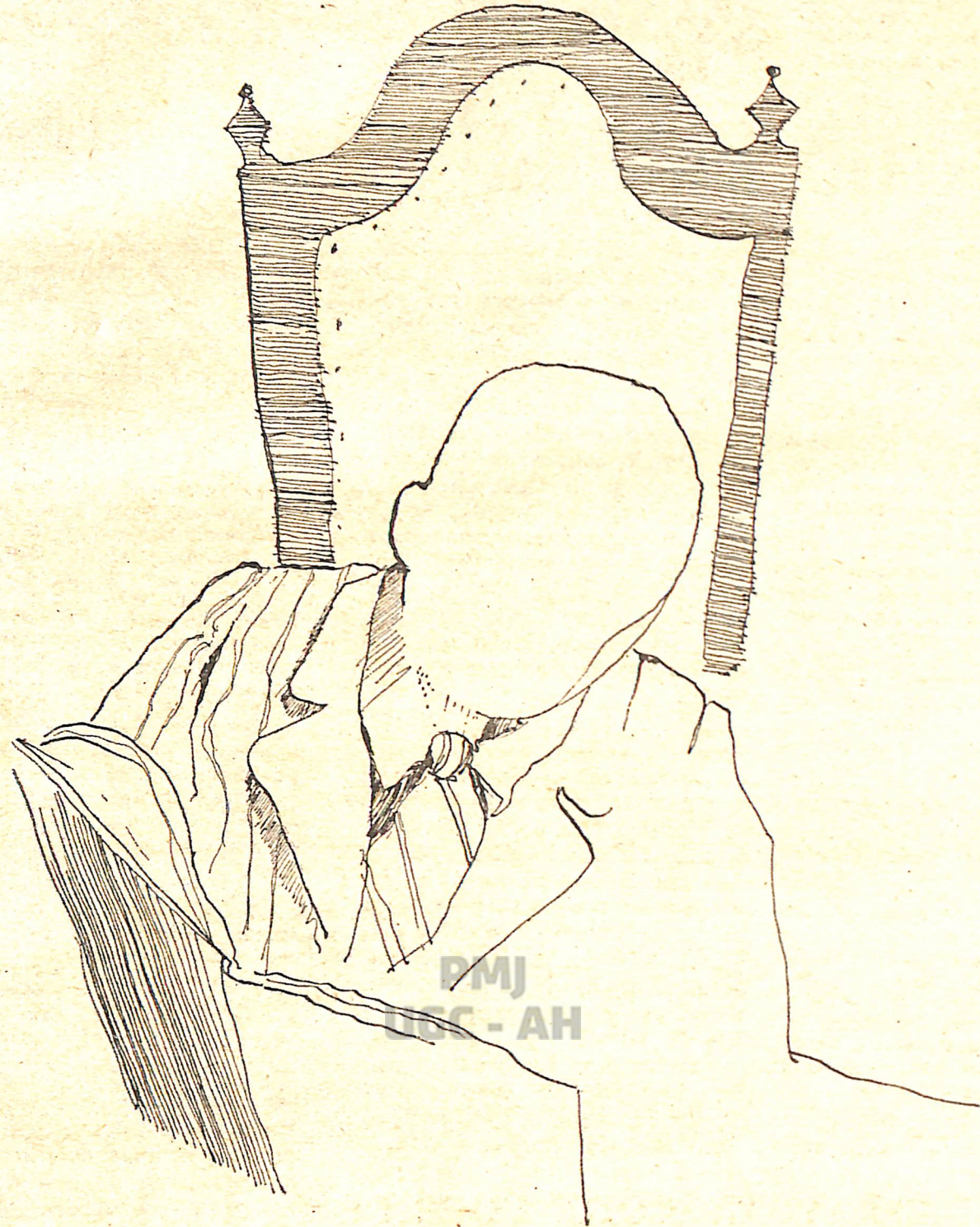
Na empresa privada, a capacidade do administrador é posta à prova a cada instante. Agindo dentro de um mercado onde o custo dos recursos absorvidos e o valor dos produtos da empresa se fixam com nitidez, a atuação do administrador logo se traduz em lucros ou prejuízos, que evidenciam a qualidade da gestão.

Com a administração pública, porém, não existe esse mecanismo automático de aferição da gestão. A ação administrativa deve ser julgada dentro de três critérios básicos:

1. — **Seriedade** — É a principal característica que deve revestir o ato administrativo. Os recursos públicos devem ser manipulados com a mais absoluta lisura e com escrupulo quase que religioso.

2. — **Conveniência** — A aplicação dos recursos deve ser voltada para os objetivos que mais convêm à coletividade. É sempre imensa a gama dos serviços a atender. Deve haver sabedoria, equilíbrio e bom senso na definição das prioridades e na escolha das alternativas a seguir, dentro do vasto leque de necessidades da comunidade.

3. — **Eficiência** — Não basta apenas realizar é importante que se considere o custo da realização. A atitude de "fazer, a qualquer preço", é criminosa. Não se pode admitir qualquer des-



perdício dos recursos públicos, já tão escassos diante das reclamações urgentes da coletividade.

Considerando a relevância desses três aspectos básicos, é fácil concluir que o ato público não pode ser julgado apenas pelo ângulo formal ou pelo caráter estritamente legal de que é revestido. É

imprescindível o exame do seu conteúdo de moralidade, de eficiência e de conveniência para a coletividade.

A quem compete esse julgamento mais profundo e abrangente da gestão pública? Aos diretamente interessados, ou seja, ao próprio povo, que deve exprimir sua opinião através de seus

vários órgãos de manifestação. Existem os representantes eleitos pelo povo, com a incumbência de fiscalizar os atos do executivo. Existe a imprensa, para divulgar e discutir a gestão pública. Existem as entidades de classe, existem as pessoas mais influentes ou em posição de liderança, de quem se espe-

ra um constante interesse e participação nos problemas da comunidade.

Submetido a este processo constante de julgamento e de crítica, o administrador consciente e bem intencionado pode perceber o efeito dos seus atos e sentir a ressonância de suas decisões. Com as antenas ligadas para esse retorno de informações, o administrador sensível pode sintonizar a sua ação com as verdadeiras necessidades e anseios da coletividade.

Quando ocorre, porém, a hipertrofia do executivo, ou a atrofia dos órgãos de julgamento da gestão, esse processo de controle fica prejudicado. Se o administrador é prepotente ou dominador; se a câmara de representantes é dócil, ou tornada dócil pela imposição de uma maioria obediente; se a imprensa não tem interesse em debater os fatos; se as pessoas influentes se omitem, por comodidade, por apatia, por interesses particulares, ou por receio de represálias, fica abafado o processo de análise e de crítica da gestão. O eco dos atos administrativos passa a ser apenas o aplauso encomendado. Cria-se um processo vicioso, em que os erros e os desvios se acentuam, podendo atingir a dimensão do desastre.

As cicatrizes deixadas por tal situação podem afligir, por longo tempo, a comunidade. Todos, naturalmente, sofrem os seus efeitos. Porém, o que é mais triste: os mais prejudicados são justamente aqueles menos favorecidos, cujas necessidades elementares ainda não foram atendidas, e que, portanto, mais sofrem a falta dos recursos desperdiçados.

Francisco de Assis Oliva

P. — Você vai mesmo participar deste Jornal?

R. — Claro.

P. — O jornal representa a opinião de um grupo?

R. — Evidente que sim, conquanto o grupo seja formado por várias opiniões, tendências e intenções às vezes até antagônicas.

P. — Não será mais um jornal igual aos outros já existentes?

R. — Claro que sim, na pretensão de mostrar uma posição diante dos problemas e soluções propostas para esta comunidade, conseguir sensibilizar e juntar pessoas que pensem da mesma maneira e ajudar a atuação comunitária destas mesmas pessoas. Queremos simplesmente apresentar e defender opiniões que não consideramos representadas pelos jornais já existentes.

P. — Como pessoas de diferentes tendências, partidos,

opiniões, conseguirão se juntar num jornal?

R. — Primeiro, o que junta pessoas com tendências diferentes são objetivos comuns. Estes objetivos, isto é, a discussão ampla e clara dos problemas da comunidade — e que consideramos não existente, ou apaixonada, ou mistificada — juntou-nos nesta empresa. Segundo, estas tendências diferentes ou até antagônicas deverão estar denunciadas no mesmo jornal, com a liberdade de se contrapor idéias ou conceitos. Terceiro, acreditamos poder montar não um semanário com espaço reservado ao grupo que o formou mas um palanque aberto a todas as mensagens.

P. — Não se sonha criar algo utópico, uma fantasia liberal num mundo pragmático?

R. — Não seria esta a hora de propor mais metafísicas que pragmatismos? Cada vez que alguém pára de fazer algo idealista abre caminho para alguns prático-utilitários que, no mais das vezes, agem em benefício próprio, utilizando-se, para isto, exatamente da opinião dos céticos.

P. — Acredita que possa haver futuro numa empresa assim montada?

R. — Acredito primeiro que não há necessidade de haver futuro se para isto tivermos que vender a alma. Acredito que não há necessidade de haver futuro se

sentirmos que a comunidade não está sendo ameaçada ou iludida ou desviada de seu desenvolvimento integral. Este jornal tem, para consigo mesmo, a certeza de ser um instante na vida da cidade, uma intervenção necessária em um momento histórico. Pretendemos mantê-lo enquanto a população necessitar desta tribuna.

P. — Realmente este jornal não nasceu para combater uma administração?

R. — Os homens como administradores são efêmeros. O que interessa combater são as distorções de filosofia administrativa que contribuem para o aparecimento destes homens.

P. — Não acredita que este jornal tirou vocês todos

de suas vidas íntimas, de vidas profissionais estabilizadas, tornando-se uma preocupação a mais?

R. — Sem dúvida. Mas, será isto tão importante? Não será exatamente esta a hora de deixarmos nossa comodidade pequeno burguesa e enterdermos que uma cidade só melhora com a colaboração de toda a comunidade? Se acreditamos que temos competência e honestidade, se conhecemos os problemas desta mesma comunidade, temos obrigação de denunciar os erros cometidos contra ela e defender as soluções nas quais acreditamos. Isto será simples devolução dos benefícios que esta comunidade trouxe individualmente a cada um de nós.

P. — E com isso você pretende dormir em paz?

R. — Não, viver em luta.

Araken Martinho

Entrevista comigo mesmo

N.&O.

Em qualquer ocasião, longas tiras de papel são gastas com extensos comentários sobre fatos relevantes ou inoportunos que desgastam a opinião pública e nada informam. Certos pontos, às vezes, nunca são esclarecidos. Outros permanecem meio-entendidos. Mas a hora que a gente se dispõe a falar curto e grosso, se apresenta um glossário (seria isto?) de comentários e notícias todas pertinentes a problemas ligados entre si e ao mesmo tempo, perdidos por falta de adequação de quem os observa. Nos propomos a revelar, por aqui, aos poucos, o muito que acontece.

**HURRA!
HURRA!
HURRA!**

O deputado Eduardo Coutinho apresentou na Assembléia, dia 23 de junho, requerimento de congratulações com a diretoria do Gremio "pela portentosa inauguração de suas luxuosas dependências". (ôba! ôba!) Na justificativa do voto, ele informou aos colegas da Casa que "Jundiá numa área de 432 km² abriga 169.000 habitantes" (bons tempos!), "é servida pela Via Anhanguera, por várias estradas municipais e estaduais" (vejam só: a Anhanguera foi promovida) "pela Fepasa, possuindo 120 estabelecimentos de ensino primário..." Acrescentou que "Jundiá é uma cidade eminentemente industrial e sua agricultura se destaca pela grande produção de gêneros e frutas" (frutas de todo gênero, por certo). Não se esqueceu de lembrar que "é sede do bispado e um centro rodoviário de grande importância" (uma relação bastante sugestiva esta Igreja-Transporte, não é o acham? Ah! sim, as comunicações!!!)

JORNAL DE 2



**VOCÊ VAI SABER
DAS COISAS**

**TODAS AS
2.^{as} FEIRAS NAS
BANCAS**

O caso "Santa Rita" diante da comentada prorrogação de mandatos dos prefeitos

A tentativa de desapropriação do segundo Hospital Santa Rita de Cássia, considerada por muitos como um golpe contra a iniciativa privada, por outros como um sólido exemplo de abuso de poder, mas que para a maioria não passou de mais uma prova de incapacidade de realização do atual governo do município, repercutiu intensamente na Assembléia Legislativa do Estado, onde o deputado Jayro Maltoni, ao falar sobre o assunto da tribuna, chegou a atrair outros colegas para o debate.

No preâmbulo do seu pronunciamento, Jayro fez alusão à comentada prorrogação dos mandatos dos atuais prefeitos municipais, afirmando que "estes homens, prevendo sua marginalização da vida pública, prevendo que não teriam mais condições de continuar enganando o eleitorado, estão desesperadamente lutando para que o seu emprego continue por mais dois anos".

Chamando a atenção de seus colegas para o caso "Santa Rita" disse: "Vejam os senhores, quando o próprio Governo Federal e o próprio Governo Estadual procuram manter convênios com hospitais particulares, a Prefeitura Municipal de Jundiá tenta a desapropriação de um hospital! Mas, o que entendemos é que aproximadamente 45% da população daquela cidade não goza dos benefícios de uma rede de água, de uma rede de esgotos — mais de 45%! — advindo daí a preocupação de toda a classe política de Jundiá. Então, o que aconteceu? Constrói-se um poço para o aproveitamento da água e, dependendo das dimensões do terreno, logo ali, a 2 ou 3 metros, há uma fossa asséptica. Então, a administração municipal, ao invés de procurar evitar que a população adquira uma moléstia, vai desapropriar um hospital para curar moléstias, quando compete à administração zelar pela saúde dos seus munícipes. E entendemos que zelar pela saúde é evitar que a população adquira moléstias, evidentemente dentro de sua faixa de administração.

"Mas o Hospital Santa Rita — continuou — já foi desapropriado pela administração municipal em determinada ocasião. Construía-se, pelos idos de 1965, um novo hospital para aquela cidade, cuja planta aprovada pela Prefeitura previa 10 andares. O sr. prefeito municipal da época decidiu pela desapropriação daquela parte que já estava construída, porque não estava concluída a obra, e, realmente, conseguiu a desapropriação. Mas paralisaram-se as obras, a administração pública não deu continuidade a uma planta aprovada pela própria administração pública para a conclusão daquelas obras. Instalou-se, então, a Faculdade de Medicina.

OS MESMOS ÔNIBUS MAIS 20 ANOS

Trabalhou depressinha a Augusta, renovando, na base da urgência-urgentíssima (ninguém conseguiu ainda descobrir por que), a concessão do transporte coletivo na cidade. Imprensa assistiu quieta o episódio (como, aliás, convinha) e o povo não ouviu dos nobres sequer uma palavrinha a favor da ligação dos bairros mais distantes por uma linha só, colocação de mais ônibus mais novos e menos barulhentos e mais seguros e menos caros. Concorrência pública, também neste caso, se esqueceu de fazer. (C.F.P.)

ARTIMANHAS

Queixa-se o nosso diretor de Educação, o sr. Fernando Cury, que o IV Encontro de Artes de Jundiá está pouco prestigiado pelos artistas locais. Pergunto: que artistas locais? Existe uma Escola de Arte na cidade? Alguém alguma vez pensou nisto? É fácil fazer mostras, exposições, salões, associações e demais quejandos. Estrutura de base, coisa comum como cursos permanentes, conferências, difusão das demais atividades, enfim, criação de um núcleo de interesse permanente ou uma personalidade cultural na cidade, ninguém faz, certo? Então, nada de queixas. Manga de colete ninguém arregaja. (E.S.F.)

"Com a desapropriação, a administração visava a instalar naquele próprio, um hospital-escola, para servir à Faculdade de Medicina. Mas, para espanto de toda a população de Jundiá, aquelas obras foram paralisadas e ninguém mais comentou porque a Prefeitura aprovou uma planta de 10 andares e, praticamente, quando estava com 40% da construção da obra pronta, a mesma Prefeitura desapropriou e a construção não foi terminada".

Na sequência:

"Com a verba de desapropriação, aquele grupo de abnegados construiu um outro hospital, um hospital padrão, um hospital de alto nível. Contra isso está o sr. prefeito municipal (...), porque, quando se diz que é um hospital de alto padrão, tenta ludibriar a população afirmando ser um hospital para ricos. Não. Jundiá não comporta um hospital para ricos. Jundiá é cidade eminentemente operária. E quando se diz hospital de alto padrão, quer dizer um hospital que visa a atender a população de forma digna, que visa a dar a Jundiá um estabelecimento que realmente reúne as necessárias condições, evitando-se o desespero de muitos e muitos doentes que atualmente são obrigados a procurar outras cidades, como Campinas e a Capital".

Néfi Tales foi o primeiro deputado apartante. E seu primeiro aparte foi para indagar: "Será que, como os outros prefeitos, o prefeito de Jundiá, que tem cometido essas injustiças, estaria com medo do julgamento do povo nas urnas, no ano que vem?"

A resposta de Jayro: "É evidente... desespero para continuar no poder reside justamente em tentar cobrir o sol com a peneira ou manter-se no emprego por mais dois anos. Porque se fizermos um levantamento da opinião pública, podem estar certos os srs. deputados que 90% dos prefeitos terão seus nomes apoiados para prorrogação do mandato".

Nadir Kenen foi o segundo a apartear e a questão que levantou foi esta: se Jundiá tinha um hospital municipal. Em sua resposta, logicamente, o deputado mencionou o Hospital São Vicente de Paulo, que passou para a administração do Município pelo prazo de 50 anos, mediante convênio com o Conselho Vicentino.

Desse seu pronunciamento, Jayro fez constar uma das notícias publicadas a respeito dos mandatos de segurança impetrados contra o prefeito do Hospital Santa Rita de Cássia e dois diretores e um outro documento do seguinte teor:

"1 — Não se compreende a expropriação do Hospital Santa Rita de Cássia por parte da Prefeitura de Jundiá, principalmente se analisarmos o fato desta não ter condições para bem administrar o Hospital São Vicente de Paulo. Acrescente-se que o Hospital São Vicente de Paulo é um nosocômio de proporções e dimensões bem inferiores ao Hospital Santa Rita, que detém as instalações mais modernas.

"O Hospital São Vicente é carente em todos os sentidos na parte administrativa, eis que não possui a Prefeitura pessoal especializado.

"2 — O ônus suportado pela Prefeitura com o Hospital São Vicente é substancial e acarreta hoje problemas ao orçamento municipal. Calcule-se com o Hospital São Vicente, hoje, já está recebendo com atraso de dois ou três meses. O sintoma é claro.

"3 — Por final, deve-se salientar que os secretários, homens da confiança do sr. prefeito, quando solicitados a se pronunciarem a respeito da expropriação, deram pareceres contrários à mesma e segundo consta, os pareceres contrários foram do secretário da Saúde e da Educação e Cultura. Conforme definido ficou, com a efetivação da desapropriação, foram desconsiderados pelo sr. prefeito".

N.&O.

CASO PENSADO I

As coisas não mudam muito e os jovens aprendem fácil. Isto é comum. Senão vejamos: O "jovem" edil Carlos Ungaro, durante a sua primeira aparição na Câmara Municipal, foi logo sendo presidente da Casa. Em seguida, lutou desesperadamente contra o vitalício antigo presidente da Câmara, sr. Lázaro de Almeida, fazendo crer que o homem estava superado para as funções etc. etc. Conseguiu. O sr. Lázaro hoje não é nem mesmo vereador. Mas o sr. Carlos Ungaro continua sendo presidente da Câmara, ocupando com isto seu lugar. São ao todo dezessete vereadores. Ninguém mais pode, ou o sr. Ungaro é um predestinado? (E.S.F.)

Comentário sobre o exercício do poder

"Todo homem deve ser respeitado como um fim absoluto em si mesmo"
— E. Kant

Há uma irreprimível tendência na maioria dos detentores de cargos públicos, seja nos que foram guindados aos seus postos por apoio das massas, dentro do sistema democrático, ou mesmo nos que conquistaram seu poder de decisão e autoridade nos meandros da política burocrática, em manter uma permanente atitude de auto-afirmação ante si mesmos e perante os que os escolheram ou sufragaram.

E, por essa mesma razão, quase sempre o detentor de posições de mando antepõe a sua personalidade, os seus anseios e suas ambições às reais necessidades e realidades enfrentadas pelo povo.

E surgem os conflitos de ordem econômica, sociológica, política e ecológica, provocados pela auto-determinação exclusiva dos detentores do poder, em detrimento dos componentes da absoluta maioria praticamente destituída de opções ou de instrumentos de protesto.

O carisma, o sentido de predestinação, o conceito de infalibilidade, sempre com o apoio dos protegidos e dos parceiros na divisão dos proveitos do poder, passam a integrar a síndrome patológica e paranoica dos que se entregam ao abuso e não ao justo uso do poder.

É necessário ressaltar-se que o acima exposto não se aplica à classe de polí-

É A VOLTA

Atenção, caros educadores universitários: os alunos da Faculdade de Medicina de Jundiá deverão renovar suas cadernetas quilométricas para o próximo semestre? Se não precisamos de alguns esclarecimentos. Por motivos alheios à nossa vontade, tomamos conhecimento da mudança de alguns departamentos da Escola para Franco da Rocha, isto no ano passado. Sairam daqui alegando falta de condições mínimas para o ensino médico nas instalações da cidade. Estariam voltando. Agora perguntamos: neste período houve real aproveitamento? O que foi criado naquele local que substituiu a alegada falha de estrutura? Quais foram as modificações pertinentes aqui realizadas que motivaram a volta? Estão os alunos satisfeitos? E a responsabilidade didática? (W.H.N.)

ARTE DE JUNDIAÍ PARA PAULISTANO VER

Quinze artistas de Jundiá estarão expondo seus trabalhos até o dia 16 de julho, numa mostra denominada Eucat Expo (pô, Eucatex, que nome horrível!), em São Paulo.

São pinturas, artesanato e desenhos de Ademir Rigo, Adriana Gay Jona, Antonio Thyrso Pereira de Souza, Athos Pimenta de Pádua, Edson de Castro, Elvio Santiago, Fernanda Milani, Fernando Ramos de Souza, Issis Martins Rocha, Ivan Martinho, João Ribeiro Júnior, Maria Izabel Agnello, Marino Zambon, Roque Cerezer.

A exposição fica na av. Francisco Matarazzo, 612, Água Branca, e o horário é das 14 às 22 horas, diariamente.

CASO PENSADO II

Com o aparecimento do JORNAL DE SEGUNDA, voltou o interesse pelo bolero, corrigindo a Elis Regina: dançamos "dois pra lá, um pra cá". Mas jornal é dinamismo e as coisas se alteraram um pouco, neste entre-ato. Porém, mineiramente, desconfio.

(E.S.F.)

SELEÇÃO I

Na Eucat Expo, a mostra dos artistas plásticos jundiáenses, cercou-se, ao que parece, da mais absoluta seleção, em vista da ausência de público em sua inauguração. Esta parece ser a explicação para o fato de até os expositores só terem chegado em cima da hora. Melhor: quando já estava acabando a inauguração. Critério adotado, certamente, em vista da "distância cultural" entre São Paulo e Jundiá. (Picoco)

PASSO A PAÇO

Nem a propósito: está sendo formada uma Comissão da Câmara Municipal com número incerto e não sabido de vereadores, para visitar a vizinha Campo Limpo. Motivo: o prefeito Grandizoli quer dar conhecimento de sua administração, cujo carro-chefe é o Paço Municipal. Por coincidência, neste número fala-se de uma obra esquecida, o Centro Cultural que se soma ao Paço Municipal de Jundiá, transportado às pressas para a região do Trevo Municipal da Anhanguera. (E.S.F.)

VIVA O COMPUTADOR!

Se o DAE não aposentar logo ou mandar fazer uma retífica no seu computador, acabará conquistando sua total independência financeira. Vejam só: no mês de abril foi lançada uma conta de Cr\$ 17,60 referente ao consumo de água na casa do deputado Jayro Maltoni; no mês de maio essa conta subiu para Cr\$ 20.250,42. Como nem todo mundo tem Assembléia para protestar, é possível que muita gente vem pagando contas com essa defasagemzinha. Ou será que o deputado foi o eleito? (C.F.P.)

SELEÇÃO II

Aberta ao público, que não se melindrou com a falta de seleção, a Cuca recebeu grande número de visitantes por ocasião da mostra do desenhista Guilherme de Faria, repetindo a situação das anteriores. Seria a falta de distância entre Jundiá e São Paulo? (Picoco)

MULHER-75

E' preciso conferir, em termos jundiáenses — e mesmo brasileiros — quem é que revoluciona mais a condição social da mulher: a profissional, que luta por sua posição à custa dos mesmos tributos exigidos ao homem, ou aquela que dentro de sua casa oferece as condições primárias de sobrevivência à família? (Picoco)



ticos, mas sim aos que se atiraram à política já em função da necessidade pessoal de poder e de exercício do mando.

E o grau de prejuízo sofrido pela comunidade não é, necessariamente, resultado da altura do cargo atingido, mas de outros fatores intrínsecos na personalidade que o ocupa.

Vaidade, ambição, sede de poder, superavaliação das próprias qualidades, tudo envolto na autopropetuação, como líder, como chefe incontestável pela grandeza de seus atos e altura de seus pensamentos.

E esse estado de espírito tem como consequência o afastamento de sua zona de influência, de todos os que possam, por seus conhecimentos, popularidade, influência política ou qualquer outra razão, fazer sombra aos seus pensamentos e obras.

Quando uma vez a auto-adoração gangrenou um

cérebro, a doença é quase incurável.

Crê em seus próprios milagres. E cria monumentos e obras para si mesmo. Cercado por seu séquito, bajulado e dentro desse círculo fechado julga-se no Olimpo.

Porém, "uma coisa é ser homem de bem, perante si mesmo; outra, é ser homem de bem segundo os próprios homens" (Riche-lieu).

E os homens sempre acabarão julgando, mesmo quando as leis são inoperantes ante tais acessos e excessos, praticados na persuasão de que o carisma está acima de qualquer julgamento, e de que o próprio entusiasmo é a única lei a ser obedecida.

Mas, a verdade, como a aurora, ressurgirá sempre. E o povo sabe que Lei é a que serve a maioria, e não a que serve o homem que só é bom perante si mesmo.

Alberto Traldi

Nas convenções, MDB calmo e muita expectativa na ARENA

As convenções partidárias estão aí. No domingo que vem os eleitores filiados na Arena (mais de 12 mil) e no MDB (729) vão eleger seus diretórios municipais e delegados de partido.

Tudo indica que no MDB os trabalhos correrão com muita tranquilidade, haja vista que se apresentou chapa única, sendo necessários somente 158 votos para homologá-la.

Já no caso da Arena prevê-se muita luta entre as três chapas que foram registradas, uma liderada pelo prefeito, outra pelo médico Rubens de Luca e a terceira pelo ex-prefeito Pedro Fávoro. Estas últimas, ao que se sabe, opõem-se à primeira muito mais que entre si. Sabe-se, também, que, dos três grupos, o mais organizado é o do prefeito no que refere à oferta de condução aos eleitores que irão votar na convenção. Fala-se que uma enorme frota de peruas e muitos cabos eleitorais, custando tudo isso muito dinheiro, já estão a postos para o trabalho do dia 13.

Com relação aos gastos que vão ser efetuados, no próprio meio arenista se ouve dizer que "isso é para quem pode". Mas os que dizem isto afirmam também que "os partidários convictos e que querem bem à sua cidade cerrarão fileiras em torno das outras duas chapas, para eleger uma equipe mais sensata, que saiba colocar os homens certos e capazes na Prefeitura, que saibam administrar sem escorchar o povo com aumentos de impostos, insuportáveis por grande parte dos contribuintes". Seria assim, no entender de muitos arenistas, o engrandecimento do próprio partido, se os eleitores rejeitarem o grupo do dinheiro, fortalecendo os demais.

Arte na cuca

A Cuca é uma boutique como outra qualquer. Mas o seu proprietário, o Beto Cecchi resolveu modificá-la: deu nova estrutura ao seu estabelecimento e por amor à arte, iniciou um movimento. Trouxe bons artistas plásticos e ofereceu sua casa para conseguir atrair público que viesse conhecer estes artistas e suas maravilhosas obras de arte.

Já estamos em junho e Guilherme de Faria esteve programado para este mês, expondo seus trabalhos na Cuca. Para aqueles que ainda não sabem, a Cuca é um estabelecimento comercial que se multiplica. Todo mês tem apresentado exposições de artistas plásticos, pintores, gravadores das mais diversas tendências, procurando servir Jundiá com o que existe no setor. Esta iniciativa é pioneira e inicia um movimento que, segundo o seu proprietário, Beto Cecchi, vai oferecendo ao público não só o contato com a obra, mas a possibilidade de aquisição das mesmas. É claro, a Cuca transformou-se paulatinamente, numa galeria de arte, coisa inexistente na cidade. E tem como prerrogativa o fato de ser permanente e não esporádica, como são, normalmente, as manifestações do gênero acontecidas por aqui. A primeira manifestação ocorreu com a coleção particular do crítico Harry Laus. Ele cedeu graciosamente seu acervo para dar a arrancada inicial no movimento e com ele esteve ajudando a dona Fernanda Milani, o pintor Ignos Corradini, entre outros. Foi uma festa tumultuada, onde os que acorreram a ela mantinham um certo ar apreensivo, com jeito de quem teme o fim próximo. Isto foi em março deste ano. As críticas vieram sempre de forma velada, como ocorre serem as críticas locais. Nada direto, é claro. Em seguida,

em abril, como estava programado, veio Lothar Charroux e nos foi possível apreciar de perto toda a imensidade do seu grafismo cinético. Em maio, para a surpresa geral, apareceu o sr. Athos Pimenta de Pádua, este sim, um jundiáense das Minas Gerais, pintor primitivo de rara memória visual, vestido com cores simples e despreziosas crítica popular, sentido nas cenas de aglomeração dos comícios, tocado pelos cafezais. Ele mesmo não se impressionou muito quando viu aquele povão na Cuca,

presente de seus amigos, curiosos, apreciadores etc. Em seguida, soube-se que o Beto acariciava as elites jundiáenses, não convidava o povo, era seletivo. Mas as exposições se sucediam. Mês seguinte, junho, veio então o Guilherme de Faria, um dos melhores desenhistas do Brasil. Pendurou seus quadros na parede e foi um sucesso. Teve tanta gente que ficou na porta, querendo entrar,

mas não teve coragem. E aqueles que, no sábado, iam lá, bebiam e se alongavam no dia seguinte, depois do meio-dia, em críticas ao trabalho da Cuca, claro que não podiam saber que nos domingos ela se mantinha aberta ao público e era visitada. Desta última vez, os alunos regulares do curso de dona Fernanda Milani, do Grupo Escolar Adoniro Ladeira, puderam saber como era feita uma litogravura, qual era a diferença entre o valor de uma pintura e de uma gravura, qual a importância de uma obra de arte assim exposta e outras coisinhas mais, porque foram até a Cuca, sentaram-se no chão e perguntaram. A professora Regina, do curso regular do Geva, também esteve lá. Marcou hora, antecipadamente, e levou sua turma. Foram aprender arte no domingo. A professora Jussara Pimenta Colagrossi, do instituto, conseguiu um horário e foi levar seus alunos. Todos, do mesmo modo, usaram a Cuca, a iniciativa, participaram do movimento, contribuíram com alguma coisa. Agora, o Beto está anunciando, para o próximo mês, nada menos que Walter Levy. Este é o melhor pintor surrealista do Brasil, premiado este ano como o melhor pintor brasileiro, sem pejos de classificação. Por isto, não percam esta próxima atração da Cuca. Ela, juntamente com este movimento, veio para ficar e não conseguiu tempo ainda para solicitar maiores auxílios oficiais, ainda que não os dispense, penso eu.

ESF



HORÓSCOPO DE SEGUNDA

CANCER

Para os nascidos entre 21 de junho e 20 de julho — Este mês, em particular aos nascidos neste signo, uma vez escapes do bombardeio usual das (os) amigas (as), busque maior tranquilidade em sornos passeios pela Barão, depois das 19 horas. Desde que nos casos mais amorosos você não se iluda, afaste-se das pessoas de Capricórnio que queiram trocar ornamentos com você. Nada disso, Câncer, é incurável. Você mesmo sabe disto e não aceita compromissos. Enfim, o mês é todo seu, a vida também, os dias favoráveis serão sempre os mais favoráveis, a cor certa ainda é o cobalto, que lhe cai muito bem. Cuide da saúde. Atenção para com os compromissos sociais. Recomendamos maior frequência aos bailes, boates, procure sempre estar perto das pessoas mais queridas.

BALANÇA

Período instável. Cuidado com manifestações políticas que possam afetar seu regime. Evite geladeiras, fogões, liquidificadores, eletrodomésticos em geral. Não se arrisque, pois este mês, para os mais afoitos, foi feito para hibernar, gastar calorias. Suas finanças dependem muito do câmbio, desde que a vida externa não lhe favoreça em muito neste período. Tente escorregadores, parques infantis, gangorras, saia com os amigos (as) mas nunca de Volkswagen, podes passar por alguns apertos. O cinema é recomendável. Vem aí um ótimo festival do Gordo e o Magro, diversão que poderá lhe equilibrar um pouco. Em caso de tempestade, já sabe, salve-se quem puder. Nos esportes, evite Muhammed Ali, Joe Bragner e outros. Abraços.

LEAO

Já renovou seu alvará do Simba Safari? Seus vizinhos reclamam um pouco — não é mesmo? — de sua prepotência, e quase nunca lhe atribuem tanta majestade quanto lhe é devida. Acalme-se, é o período totalmente desfavorável para tomada de satisfações. Tire umas férias e descanse. Procure a caça como passatempo, ainda que você conheça bem os cervos da sua terra. Um contratempo matrimonial se aproxima: evite refeições antes de se deitar. Isto lhe causará não só sabores estomacais como permanente insônia conjugal. Ela não aguenta mais você rosnando à noite toda. Distraia-se, vá ver "Era uma vez em Hollywood", um bom filme da Metro.

ESCORPIÃO

Provavelmente, durante este mês inteiro, você sentirá atroz dores na região lombar. Seu fígado também deve ser melhor tratado para evitar súbitos maus humores. Quando tudo lhe sorri, como agora, você deverá abandonar um pouco sua timidez e sair de sua toca. Assim será bem mais atraente como você sempre pretendeu ser. Evite lugares escuros e sombrios. Abandone os sapatos. E quando for sair de férias, procure o ar do campo, faça exercícios como cortar lenha, consertar telhados, movimentar-se. Surpresa para o fim do período: talvez a Rhodia lhe ofereça bom emprego. Sua tendência de virar as costas para a fortuna pode lhe ser prejudicial. Não é a melhor forma de atacar seus problemas mais íntimos. Cuide um pouco dos pés.

VIRGEM

Garotas e garotos, muito Biotônico. Século XX resolveu tratá-los de outra forma, ainda que os mais antigos sempre tenham razão. Lembrem-se do Kama Sutra? Pois é, por ali. Entretanto os nascidos neste signo, andam sempre com Vênus, Júpiter, Mercúrio, que os protege sempre de Saturno e Plutão, em casas astrais anômalas. Plutão mesmo já dizia: amem-se. Ao que Fulton replicava: à todo vapor. Cabe lembrar que uma sauna antes, durante e um Martini depois não provoca nenhuma catalepsia. Em tempo, os de Virgem são sempre acabrunhados.

SAGITARIO

Novo concurso para este mês de estafetas está sendo lançado pela Cia. de Correios e Telégrafos. Porém, período de alguma indecisão. Adiante, não se atrapalhe, você sabe o endereço certo. A cada nova dúvida, uma surpresa, você pode sempre encontrar a dona de seu coração, aquela que saiba se corresponder com você. Só que esta mania de viajar ainda irá lhe desfavorecer neste decanato. Você está sempre encantado (a) com novas perspectivas, primeiros planos, plantas baixas, cortes, isto não lhe traz alguns dissabores? Faça longos percursos, procure andar certo primeiro, segundo, sei lá. Bata com firmeza a porta sempre estará aberta para você neste mês. Mês que vem, procure o revendedor ale de sua cidade.

GEMEOS

Em casos mais extremos, permita uma intervenção. Afinal existem tão bons cirurgiões que conseguem com êxito esta separação. Em casos almatícos, sua alma gêmea estará sempre atenta,

não se preocupe. Já se sua personalidade lhe falha nas horas mais agudas, numere-as. Faça as coisas durarem mais, multiplique-as. Em todo caso, se no cais do porto se aparecer mais de dois, não chame por ninguém, pode aumentar suas indisposições aduaneiras. Liberte-se definitivamente deste complexo de Eletro ou de Édipo, esqueça as primeiras palavras: Gêmeos, quem diria. Você mesmo às vezes se surpreende, o que dizer dos outros. Não se incomode, todos nós sabemos que a sorte é dúbia, e a sua então...

PEIXES

Nada de sambas-canções. Aguarde, março e abril, por aí. Sua cotação nestes meses tende a aumentar. Entretanto, como todo bom decanato, você será com certeza fisgado entre 20 e 23 deste mês. Sua vocação matrimonial é quase um estigma: o peixe morre é pela boca. Case-se, tenha seu cardume, amole-se, todo mundo sabe que com vocês não dá pé.

TOURO

Evite a Arena. Mude. Miura. O vermelho não lhe cai bem de uma vez. Sua queda para as artes tem feito o cartaz de muita gente. Reconheça, você tem bem mais força do que pensa. Evite aglomerações. Erga a cabeça e não deixe que te usem para acobertar situações. Descanse, vá para o campo. Cuidado com certas comidas. Seu regime deve ser à base de verduras, aveia, milho, cereais. Leite não lhe convém mais, pode causar-lhe dores nas costas. Não coma, por princípio, filé-mignon. Vá à manicure, use Glostora, frequente mais exposições, você ainda será premiado. Já os chifres...

AQUÁRIO

Sua maior oportunidade está no Litoral. Saiba que seu mundo interior é maravilhoso, explore isto. Sua personalidade é transparente, ainda que você tenha um ar meio frio e equidistante. Você, neste decanato, deverá transbordar de alegria com alguma novidade, um encontro talvez. Você receberá muitas visitas este mês. Não seja tão contido, você tem muito mais capacidade do que pensa. No íntimo, você é um frágil, um sensível, mas fica sempre borbulante quando se surpreende nestas condições. Abandone o cristal, como pedra preferida, tende o Blindex, é mais seguro. Dias melhores? Todos os fins-de-semana.

ARIES

Mês muito propício a churrascos, cuidado, você ainda pode virar "pull-over". Estamos no fim do período, mas atente para as liquidações. Você é dócil demais, às vezes. Procure não beber muita água rio a cima nem rio a baixo, desde que isto já tenha causado muita polêmicazinha à toa. Não se esqueça nunca que outros marginais também têm sede, fome ou frio.

CAPRICÓRNIO

Cuidado com o adultério, é papo muito enrolado para estes nascidos entre 22 de dezembro e 20 de janeiro. Sem muitas etiquetas, rótulos ou derivados, a vida é sempre muito mais fácil. Para os do signo que morem em Mangueira, Estação Primeira, Urca, Jaraguá, Campos do Jordão, que permaneçam atentos com os deslizamentos de terra, sempre fatais. Se insistirem muito, recomenda-se Trás-os-Montes, na terrinha, onde quem pensa menos, sabe mais. A TAP financia em dez pagamentos.

ESF